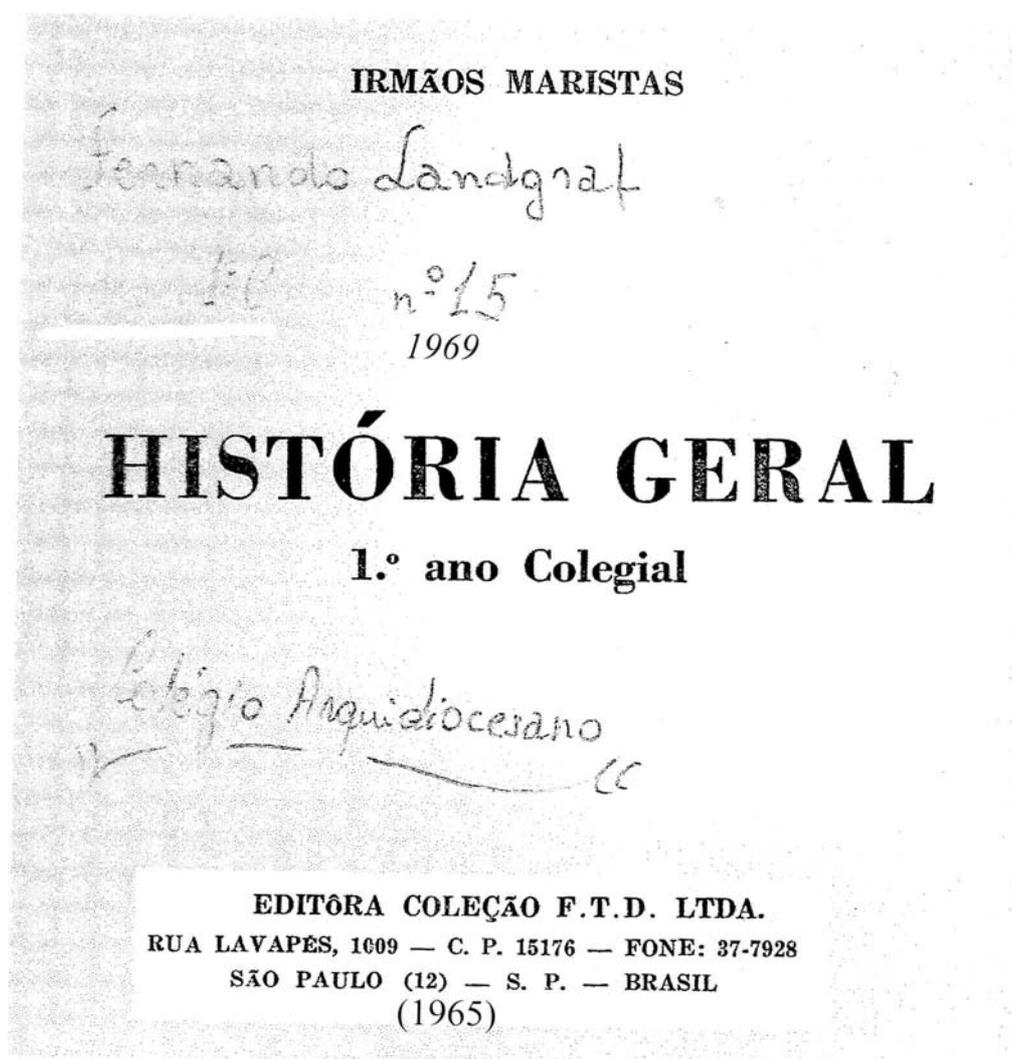


O que nos ensinavam em 1969?

Em nossas conversas internéticas, a arquicambada declarou várias vezes o legado ético que teríamos recebido do Arquidiocesano. Admite-se que deveríamos excluir alguns irmãos maristas deturpados, para subir a média do “legado ético”. Mas, para apresentar dados concretos do tipo de cultura que recebemos, vai aqui um caso interessante: o livro de História Geral que usamos no 1º Colegial, em 1969. Apesar de gostar muito de história (foi o único dos 10 livros do 1º Colegial que guardei) meu diário nada comenta sobre algum esforço para estudá-la, ao passo que “fui para casa de X para estudar Química (ou Física)” está escrito em todas as entradas do meu diário. Quem teria sido nosso professor? O malfadado Irmão Fidélis é citado como professor de Religião e Português.



O livro foi editado em 1965, e nós o usamos em 1969. É curioso que o livro não explicita seus autores, dando a entender que a autoria é dos Irmãos Maristas.

É interessante ver como o capítulo inicial, chamado de Preliminares, abre seus princípios de forma clara e sem eufemismos:

Preliminares

1. Definição — História é a ciência que estuda os fatos notáveis sucedidos nas sociedades humanas, as relações que existem entre êstes fatos e, dêste modo, mostra a origem, o progresso e a decadência dos povos.

O *objeto da história* são os *fatos sociais*, isto é, os acontecimentos que afetam a vida das sociedades e o seu desenvolvimento do ponto-de-vista material, intelectual e moral; o estudo de um povo dêste tríplice ponto-de-vista, patenteia a sua civilização.

Na continuação, deixa claro o papel da providência divina na História.

2. Importância — Tamanho é o papel da história que todos hoje a querem estudar; e é com razão, pois é ela que nos desvenda as trevas do passado, aponta milhares de exemplos virtuosos a imitar, inspira o horror do vício pela vista dos males que traz aos indivíduos e aos povos, mostra as causas de felicidade para as nações e revela a marcha provável dos acontecimentos atuais pela experiência que transmite do passado. Manifesta igualmente a mão da Providência que dirige os acontecimentos humanos e os leva a seus fins am-rosos.

O melhor ainda estava por vir: a pré-história.

6. **Pré-história** — A ciência humana é incapaz de fixar com exatidão a época em que o homem apareceu na terra; contudo, o descobrimento de armas, utensílios domésticos, instrumentos e ossos humanos em certos terrenos geológicos mostra que o homem existia antes dos tempos históricos, provavelmente no fim da era terciária ou no começo da era quaternária, pois viveu com o mamute e o urso nas cavernas; êste período anterior a qualquer história e durante o qual o homem já existia, forma os tempos pré-históricos.

Começa relativamente bem, admitindo que o homem surgiu no começo da era quaternária, “pois viveu com o mamute e o urso das cavernas”.

A jóia surge quando o texto discute a idade do homem.

Seria uma ilusão pensar que as idades de pedra, bronze, ferro são períodos cronológicos reais; são apenas graus de civilização, mais ou menos lentamente transpostos pelos diferentes povos. Os habitantes de um mesmo país pouco a pouco fabricavam suas armas com pedras lascadas, polidas, bronze e ferro: mas todos os países não atravessaram igual período no mesmo tempo.

Assim os egípcios já conheciam o ferro enquanto os gregos estavam com o bronze e os bárbaros do norte da Europa usavam da pedra lascada ou polida. Para a maior parte das nações da América, a idade da pedra acabou só com a chegada dos europeus. Os selvagens da Austrália e da Oceania permaneceram na idade da pedra até o começo do século XIX.

Quantos anos duraram os tempos pré-históricos? Alguns autores, talvez no intuito de contradizer a Bíblia, falaram em milhares de séculos. Tais afirmações não têm nenhum valor científico sério e baseiam-se em hipóteses e cálculos discutíveis. Os mais competentes geólogos e naturalistas julgam que uns 7 ou 8 mil anos bastam para explicar tudo quanto sabemos desde a aparição do homem.

Eis uma das mais razoáveis interpretações da pré-história.

Passado o grande cataclismo que transformou a terra, castigo dos crimes da raça humana, os descendentes de Noé espalharam-se pelo globo. Apertados pela obrigação de prover às suas necessidades, lutar contra as feras e resguardar-se

e etcetera. Não é uma beleza?

Que tal aquela “os mais competentes geólogos e naturalistas julgam que uns 7 ou 8 mil anos bastam...”. Desta vez vencemos os americanos! Eles querem introduzir a teoria criacionista há décadas, e nós já a tínhamos!

O capítulo sobre o Império Romano

A História do Império é apresentada por meio das biografias dos imperadores. O antisemitismo está ali estampado sem disfarces (vide o trecho da vida de Tito e a destruição do templo, em Jerusalém). :

Um milhão e cem mil judeus tinham perecido. Cem mil foram feitos escravos. O resto foi espalhado pelas diversas províncias romanas. Tal foi a resposta do céu à medonha imprecação dos judeus, que tinham clamado, no pretório de Pilatos “caia seu sangue sôbre nós e nossos filhos”.

Os sinais da vingança de Deus contra o povo deicida eram tão patentes nessa horrorosa devastação, que o próprio Tito jurou, à face do céu, que êle não era vencedor dos judeus senão instrumento da cólera divina.

O auge é atingido ao apresentar as razões para o “triunfo do cristianismo”

37. Triunfo do Cristianismo — O edilo de Milão era o triunfo oficial do cristianismo. Como é que essa Igreja, atrozmente perseguida pelos tiranos, que a queriam afogar no sangue dos fiéis, alcançava tal vitória? Responda a História: Pela luta franca, pela rija prova corajosamente suportada.

Assim a Igreja, corpo místico de Cristo, ressurgia gloriosa, fecunda, após trezentos anos de horríveis perseguições, desdibrando, ufana, perante a posteridade, os nomes fulgurantes de milhões de mártires. O sangue profusamente derramado pela raiva satânica dos imperadores fôra, na verdade, prolífera semente de cristãos.

E de que modo, e por qual prodígio se tinha realizado um acontecimento tão oposto a tôdas as previsões humanas? Os sábios que teimam em ver, na Igreja, apenas uma instituição puramente humana, se bem que a mais bela, a mais sublime, a mais bem organizada — o que êles confessam de bom grado — êstes sábios pretendem naturalmente prescindir de Deus para explicar seus progressos rápidos e sua vitória. Dizem que as almas estavam enojadas com tantas tolices e vilezas do paganismo, e sentiam um atrativo poderoso para essa doutrina tão elevada, para essa moral tão pura. Dizem ainda que as religiões antigas, afinal, só apregoavam o egoísmo e deixavam indefeso o pobre, o humilde, o escravo e, portanto, todos os deserdados, os oprimidos se precipitaram para essa religião que ensinava, para todos os homens, uma mesma origem, um mesmo e único destino, que preceituava o

amor ao próximo e a esmola aos necessitados; que descortinava, em compensação às injustiças desta vida, as alegrias infinitas da vida futura. Dizem, finalmente, e o reparo é antigo, que o mundo inteiro, ou quase inteiro, submetido à mesma autoridade, facilitava muito o trabalho aos apóstolos.

Que houvesse almas nobres e retas seduzidas pela elevação moral do cristianismo, isso não padece dúvidas. Entretanto, constituíam uma minoria ínfima na sociedade romana profundamente corrupta. E a imensa turba dos desvalidos, privados de toda cultura que lhes permitisse diferenciar as doutrinas que porfiavam pelo império dos espíritos e a conquista dos corações, estes desamparados, quais foram as considerações que os levaram a abraçar uma religião que oferece tão-somente padecimentos forçados ou voluntários e, em troca, reservava para um futuro desconhecido a recompensa da virtude?

Não sabem, porventura, os que resolveram com tamanha leviandade o magno problema do estabelecimento do cristianismo, qual é a resistência do próprio coração humano contra essa doutrina nova que lhe cerceia todos os instintos e imola todas as más paixões?

Não avaliam em nada esses três séculos de perseguições espantosas que teriam feito a nau da Igreja soçobrar mil vezes se fôsse apenas instituição humana?

A divindade do Fundador: eis a única razão que explica a difusão de uma religião, que vai de encontro a todas as doutrinas dos filósofos e se expande por modos diametralmente opostos.

Aquêle que falara: “Nada temais, venci o mundo!” este, e mais ninguém, podia incutir coragem a milhares de corações para morrerem supliciados por amor de uma idéia tão nova e tão estranha.

Vem a molde repetirmos com santo Agostinho: “O estabelecimento e o triunfo do cristianismo constituem o maior dos milagres, e ainda que não houvesse senão esta prova de sua divindade, bastaria para forçar a fé de todo homem sensato.”

Que tal? Estávamos estudando história ou religião?